

UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE OS DESAFIOS E AS POSSIBILIDADES DE SER DOCENTE: VIVÊNCIAS NO ESTÁGIO DE ENSINO FUNDAMENTAL I

Jaqueline de Souza Barreto santos²⁴
Jessica de Jesus Almeida²⁵

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo discorrer a prática de estágio nas séries iniciais do Ensino Fundamental I, o qual foi realizado na Escola Municipal Dom Florêncio Sisínio Vieira, localizada na cidade de Amargosa-Ba no bairro da Catiara. Aqui serão trazidas algumas experiências e inquietações vivenciadas no contexto da sala de aula, pensando na possível formação da identidade docente criada no período de estágio, entendendo a relevância dessa formação para o aluno/a dos cursos de licenciaturas. Procurou-se descrever a importância do estágio para a formação docente, como meio de conhecer a realidade escolar, a partir de uma visão dialética com forma de superar a fragmentação entre teoria e prática, visando à formação da identidade profissional através da reflexão, do diálogo e da intervenção. Para tanto o período de estágio foi caminho que possibilitou acesso a esse conhecimento, relacionando os conhecimentos vivenciados no âmbito do processo de formação oferecido pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e a experiência com a sala de aula.

Palavras-chave: estágio, formação de identidade, teoria-prática

ABSTRACT

This article aims to discuss the stage of practice in the initial series of the elementary school, which was held at the Municipal School Dom Sisínio Florencio Vieira, located in Amargosa-Ba town in the district of Catiara. Here are brought some life experiences and concerns in the context of the classroom, thinking of the possible formation of teacher identity created the probationary period, understanding the relevance of such training to the student / a of undergraduate courses. It sought to describe the importance of training for teacher education as a means to know the school reality, from a dialectical view on how to overcome the fragmentation between theory and practice, for the training of professional identity through reflection, dialogue and intervention. To this end the probationary period was way which allowed access to this knowledge by relating the knowledge experienced as part of the training process offered by the Course of Degree of the Federal University of Bahia Recôncavo Pedagogy and experience to the classroom.

Keywords: stage, identity formation, theory and practice

²⁴ Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. jqbarreto@gmail.com

²⁵ Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. jessi.almeida22@gmail.com

Introdução

Compreender o estágio como um fator fundamental na formação do professor/a é essencial, pois ele possibilita a relação teoria-prática, conhecimentos do futuro campo de trabalho, conhecimentos pedagógicos, conhecimentos da organização do ambiente escolar, entre outros fatores. Sendo assim, o objetivo central do estágio nos anos iniciais do Ensino Fundamental I é a aproximação da realidade escolar para que o aluno/a possa perceber os desafios que a carreira lhe oferece, refletindo sobre a profissão que praticará, agregando saberes, valores, formação, informação e troca de experiências.

As discussões que serão tecidas neste artigo se configuram enquanto considerações e impressões acerca de acontecimentos vivenciados durante o estágio desenvolvido na Escola Municipal Dom Florêncio Sisínio Vieira, situada na cidade de Amargosa-Ba. Para tanto será dividido em três sessões: na primeira será realizada uma reflexão sobre a contribuição do estágio para a formação docente e para tal discussão será utilizado como aporte teórico Pimenta (2008). Na segunda sessão será feito um relato de experiência dos principais acontecimentos que marcaram a trajetória de estágio e como aportes teóricos serão utilizados Fuhr (2010), Declaração de Salamanca (1994) e Rippel e Silva (2008). E na terceira sessão serão apresentadas algumas considerações referentes ao esse processo de formação.

Diante das leituras realizadas e com a realidade vivenciada podemos evidenciar que por vezes a teoria anda muito afastada da prática, mas isso não deve se caracterizar como um empecilho para a busca por novas estratégias. Pois para tornar-se docente o indivíduo precisa estar disposto a colaborar para a transformação humana, a fim de que os sujeitos se tornem críticos frente a sua realidade e crie estratégias para intervir nela de forma positiva, almejando melhoria em sua qualidade de vida.

Reflexão sobre a realidade do estágio e o que ele proporciona

Refletimos a prática docente enquanto algo relacionando entre o espaço da sala de aula, e a relação existente entre os educandos e o docente. Nesse sentido, referindo-se ao momento de estágio esse espaço é caracterizado como ambiente de trocas promovidas entre sujeitos, onde cada um possui expectativas, anseios, necessidades e saberes próprio. Entendendo que a sala de aula não é algo isolado, uma terceira corrente ganha notoriedade e demonstra sua força: a escola, enquanto uma instituição que exerce um forte poder sobre

aqueles que nela se encontram e dela necessitam, e que, por sua vez enfrenta problemas de ordem social, entre outras particularidades.

Em meio a esse espaço nos cursos de licenciaturas ocorrem os estágios e é oportuno que seja apresentado seu papel do para que sua importância seja percebida e compreendida. De acordo com Conselho Nacional de Educação parecer de número 21(apud, BORSSOI, 2008) o estágio é definido:

Como um tempo de aprendizagem que, através de um período de permanência, alguém se demora em algum lugar ou ofício para aprender a prática do mesmo e depois poder exercer uma profissão ou ofício. Assim o estágio supõe uma relação pedagógica entre alguém que já é um profissional reconhecido em um ambiente institucional de trabalho e um aluno estagiário [...] é o momento de efetivar um processo de ensino/aprendizagem que, tornar-se-á concreto e autônomo quando da profissionalização deste estagiário.

Ao ingressar em um curso de licenciatura, é natural que os discentes já saibam que o estágio é algo obrigatório na sua carreira acadêmica, os quais adentram à Universidade submersos a um manto de crenças e enigmas que dizem respeito à educação, às vivências que tiveram enquanto alunos/as e, em alguns casos enquanto professores/as, experimentando a realidade da escola. Pensando nessa perspectiva Pimenta (2008) nos diz que:

Quando os alunos chegam à licenciatura já tem saberes sobre o que é ser professor. Os saberes de sua experiência de alunos de diferentes professores em toda sua vida escolar (...). Também sabem sobre o ser professor através da experiência socialmente acumulada: as mudanças históricas da profissão, o exercício profissional em diferentes escolas, a não valorização social e financeira dos professores, as dificuldades de estar diante de turmas de crianças e jovens turbulentos, em escolas precárias; sabem um pouco sobre as representações e os estereótipos que a sociedade tem dos professores através dos meios de comunicação (PIMENTA, 2008, p.20).

Sendo assim, é necessário que se pense no aluno em formação como alguém que passa por um grande período de transição: em que deve deixar de ser aluno para assumir o papel de professor. Para que essa transição ocorra é necessário atenção e motivação por parte dos docentes que estão na Universidade, pois a partir do discurso sobre o “tornar-se professor” e a relação com a prática que esse mesmo docente realiza em sala de aula pode estimular seus alunos.

Talvez, mais do que em qualquer outro curso de graduação, os cursos de licenciatura deveriam preparar seus alunos para torná-los capazes de serem bons profissionais dentro do campo da educação, uma vez que ao ingressarem no mercado de trabalho serão responsáveis por ensinar conteúdos e terão a responsabilidade ainda maior de formar crianças, jovens ou adultos, contribuindo de maneira bastante direta nas suas construções de visões de mundo.

A experiência do contato com o terceiro ano do Ensino Fundamental I

Experiência de estágio aqui apresentada foi dividida em três momentos: observação, coparticipação e regência. Durante esse contato com a escola, pode-se perceber as inúmeras contribuições que um estágio proporciona para a formação, no entanto, alguns imprevistos dificultaram o processo, pois em apenas onze dias, sendo três de observação, três de coparticipação e cinco de regência, houve mudança de docentes três vezes. A partir do observado ficou claro que esse fator influenciou bastante para que algumas situações surgissem no cotidiano, pois cada professora ministrava sua aula de forma diferenciada e isso influenciava no comportamento dos alunos.

Assim, foi percebido que a relação afetiva entre professor e aluno é um dos fatores decisivos para o desenvolvimento dos sujeitos e a constante mudança de professores de uma mesma turma não permite a construção dessa afetividade, e quando há essa construção, a troca de professor proporciona uma quebra nessa afetividade. De acordo com (FUHR 2010, p. 13)

O desenvolvimento humano não está pautado somente em aspectos cognitivos, mas também e, principalmente, a aspectos afetivos. Assim a sala de aula é um grande laboratório para que se observe e questione os motivos que levam o convívio escolar do professor e aluno.

Com essa mudança de professores foi percebido tanto a falta da construção de afetividade, como também dificultou o processo de estágio, pois com cada professora a turma se comportava de uma determinada forma. É imperioso salientar que essa situação pode ser vista como algo negativo, mas no que tange a formação docente isso contribuiu de forma significativa, visto que depois de formado, o pedagogo estará inserido nesse mundo da escola pública brasileira, em que situações como essa são facilmente encontradas.

O estágio foi realizado em uma turma de terceiro ano do Ensino Fundamental, na qual havia uma diversidade muito grande de sujeitos, incluindo alunos com muita dificuldade na leitura e na escrita, alunos deficientes e repetentes, sendo que, esses dois últimos casos chamaram muita atenção, pois esses alunos não participavam ativamente das atividades. No primeiro contato com a sala de aula não houve momento de observação, mas já demos início às atividades colaborando com a professora auxiliando-a nas atividades, isso foi uma escolha nossa, para que nos aproximássemos ao máximo dos alunos. As angústias começaram nesse primeiro contato ao observarmos a situação do aluno deficiente e do aluno repetente.

Era comum os alunos afirmarem que o aluno deficiente não sabia realizar as atividades. No momento de entrega de livros, atividade impressa à expressão era sempre a mesma, “não precisa entregar para ele professora, ele não sabe fazer”. Diante do ocorrido ficávamos nos perguntando que inclusão é essa que permite a matrícula do sujeito, mas não garante a permanência com aprendizagem? Não há como retribuir a culpa pelo fracasso de um aluno nessa condição somente à professora, visto que a mesma precisa desenvolver um trabalho com aproximadamente vinte e cinco alunos sozinha em uma turma e ainda com esses casos isolados que necessitam de ajuda de outro profissional. De acordo com a Declaração de Salamanca, (1994).

As escolas devem acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, lingüísticas ou outras. Devem acolher crianças com deficiência e crianças bem dotadas; crianças que vivem nas ruas e que trabalham; crianças de populações distantes ou nômades; crianças de minorias lingüísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos/zonas desfavorecidas ou marginalizadas. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, p. 17-18).

Diante do exposto pelo documento e vivido na prática aqui apresentada, fica evidente que as crianças dos mais diferenciados contextos estão sendo matriculadas nas escolas públicas, mas essa matrícula de acordo com a realidade observada não está garantindo aprendizagem e inclusão dos sujeitos com deficiência. Para que de fato a aprendizagem ocorra é necessário que seja dado aos professores suporte que os auxiliem nas práticas pedagógicas para entender esse público, promovendo assim a inclusão. Nessa perspectiva:

Para incluir todas as pessoas, a sociedade deve ser modificada a partir do entendimento de que ela é que precisa ser capaz de

atender às necessidades de seus membros. O desenvolvimento das pessoas com deficiência deve ocorrer dentro do processo de inclusão e não como pré-requisito para estas pessoas poderem fazer parte da sociedade, como se elas precisassem pagar “ingressos” para integrar a comunidade. (SASSAKI, 1997, p. 41).

Sendo assim, a escola precisa se tornar esse ambiente de inclusão e para tanto, não possibilitar somente a matrícula, mas a participação ativa nas atividades desenvolvidas em sala de aula a fim de promover a aprendizagem do sujeito. Se assim for feito, a proposta da inclusão não estará somente no papel, mas será vivenciada na prática e possibilitará a emancipação dos sujeitos, que se tornarão capazes de se desenvolver na sociedade de forma autônoma.

Como já mencionado anteriormente, além da situação do aluno deficiente a existência de alunos repetentes despertou um direcionamento especial de nosso olhar. Na turma em que foi realizado o estágio havia um jovem de dezesseis anos de idade, o qual se demonstrava totalmente desmotivado a está naquele ambiente e a participar das atividades. No momento das atividades ficava evidente que o mesmo no momento de “cópia” era satisfatório a participação na aula, mas a partir do momento em que se indagava algo sobre aquilo que foi copiado, o aluno não demonstrava interesse nenhum em participar da aula, ou seja, aquilo que fora copiado por ele não fazia nenhum sentido.

A prática docente é algo ainda novo para nós, e a experiência de ter um aluno com dezesseis anos em uma turma de terceiro ano do Ensino Fundamental I foi algo muito forte. Nos momentos em que o aluno demonstrava não querer participar das atividades propostas, era frequente ele afirmar que queria ir para a modalidade da EJA (Educação de Jovens e Adultos). Lidar com esse sujeito foi bastante difícil e desesperador, pois ficamos sem saber o que fazer para prender a atenção dele e propor atividades que o incentivasse a participar, pois a baixa autoestima era evidente no comportamento daquele sujeito e para nós que não temos experiência foi muito difícil realizar um trabalho satisfatório com ele.

É válido salientar que a turma nos acolheu muito bem e desde o primeiro momento partimos do pressuposto de que para a realização de um bom trabalho seria necessário estabelecer uma boa relação afetiva com os alunos. Procuramos fazer com que os alunos se percebessem como participante do processo de ensino/aprendizagem e não como alguém que apenas está apto a receber o conhecimento pronto. De acordo com (RIPPEL e SILVA, 2008, p.16-17).

A proximidade entre professor e aluno é fundamental para a aprendizagem do aluno. Ao existir um relacionamento humano mais próximo e autêntico manifestado no interesse do professor em contribuir com a aprendizagem dos seus alunos e entender o seu mundo, o ambiente escolar se torna mais natural e os alunos sentem-se mais à vontade para contar com o professor na mediação do seu processo de aprendizagem.

Partindo dessa ideia, depois de realizados os momentos de observação e coparticipação, elaboramos nosso planejamento com base no que havíamos acompanhado na turma. Mas na semana de regência tivemos que mudar tudo, pois devido a mais uma mudança de professora, só a conhecemos na semana que iríamos assumir a turma. Após a professora analisar o planejamento, nos aconselhou a modificá-lo para que os assuntos trabalhados fossem exatamente àqueles que seriam trabalhados por ela. Tivemos muita dificuldade para fazer isso, mas é de se destacar que a regente atual da sala é uma excelente profissional e nos subsidiou no que foi preciso. Apesar de naqueles dias a sala está sob a responsabilidade das estagiárias a todo o momento ela se fez presente para nos ajudar no que fosse preciso.

Apesar de serem poucos dias, o estágio nos proporcionou um contato direto com a realidade que nos espera após concluirmos o curso. E apesar das dificuldades encontradas conseguimos realizar nosso trabalho e a experiência com o Ensino Fundamental I apesar de difícil, contribuiu bastante para a nossa formação, enquanto profissional da Educação.

Conclusão

A realização desse estágio foi bastante desafiadora, pois devido à diversidade tanto dos sujeitos como também das situações que surgiram nos deparávamos a cada dia com uma coisa nova. Devido ao comportamento de alguns alunos, os quais levavam reflexos de seu convívio social para a sala de aula, tínhamos que ficar, a todo o momento, atentas para que houvesse o diálogo e resolvesse o problema, pois muitas vezes havia agressões físicas entre as crianças. Passamos a conhecer de forma superficial a realidade de alguns e na maioria das histórias relatadas pelas professoras, essas realidades não contribuíam muito de forma positiva para o desenvolvimento dos sujeitos na escola.

No que tange a atuação como docente, ficou claro que os discentes necessitavam de novas metodologias para que a atenção estivesse totalmente voltada para as propostas

de atividades. De acordo com o observado, o método tradicional não funcionava, pois os alunos se mantinham dispersos. Como isso foi percebido nos momentos anteriores da semana de regência, procuramos planejar nossas aulas com atividades que de fato chamassem a atenção dos alunos, mas é importante destacar que tivemos muita dificuldade para a execução de algumas atividades, pois enquanto alguns se demonstravam empenhados a participar, a maioria se negava a desenvolver as tarefas propostas.

Em suma, mesmo em meio a tantos desafios, consideramos muito válida a experiência adquirida no estágio, pois a todo o momento estávamos abertas ao diálogo com a professora da semana de regência e essa a todo o momento procurava contribuir de forma positiva com nosso trabalho. Essa relação estabelecida entre nós, estagiárias, e a professora, nos proporcionaram aprendizagens significativas sobre a profissão, podemos perceber a importância que há em conhecer a realidade de uma turma para que um planejamento seja elaborado, a relevância de um bom relacionamento com todos os funcionários da escola e o estabelecimento de um contato direto com os pais das crianças, o qual infelizmente devido ao pouco tempo não tivemos a oportunidade.

REFERÊNCIAS

- BORSSOI, Berenice Lurdes. **O ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DOCENTE: da teoria à prática, ação-reflexão.** Unioeste - Cascavel/ PR 2008. Disponível em: <http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2008/1/Artigo%2028.pdf>. Acesso em: 23/05/2015.
- BRASIL, C. **Declaração de Salamanca e Linha Ação sobre Necessidades Educativas Especiais.** Brasília: Corde, 1994.
- FUHR, Líria Maria. **O processo relacional entre o professor e o aluno.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação-Faced. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/49022/000826833.pdf?sequence=1>. Acesso em: 23/05/2015.
- PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S. G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 15-34.
- RIPPEL, Valderice Cecília Limberger, SILVA, Alyne Mary da. **Inclusão de estudantes com necessidades especiais na escola regular.** Unioeste - Cascavel/ PR 2008. Disponível em: <http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2008/3/Artigo%2010.pdf>. Acesso em: 23/05/2015